



Organizadores:
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda
Luiz Antônio Araújo Gonçalves
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT



Virginia Celia Cavalcante de Holanda é graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa Dinâmica urbana e regional junto ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde desenvolveu pesquisa: “O Papel da Interiorização do Ensino Superior no espaço Urbano e Regional das cidades médias do Nordeste Brasileiro”. Bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), para o período de novembro de 2020 a novembro de 2022.



Luiz Antônio Araújo Gonçalves é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, mestre e doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGeo/UECE. Realiza Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa - Natureza, campo e cidade no semiárido junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi Coordenador adjunto do Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG/UVA e Pró-Reitor de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atualmente é Professor Adjunto dos Cursos de Geografia (Bach. e Licenc.) e do MAG/UVA.



Antônio Jerfson Lins de Freitas é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

Organizadores:

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Sobral-CE

2022



Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva

© 2022 copyright by Virginia Célia Cavalcante de Holanda; Luiz Antônio Araújo Gonçalves; Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Repositório Comum do Brasil



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes
Carlos Alberto de Vasconcelos
Iapony Rodrigues Galvão
Otávio José Lemos Costa
Paulo Rogério de Freitas Silva
Sandra Líliliana Mansilla
Telma Bessa Sales
Wendel Henrique Baumgartner

Revisão

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolph Lima da Silva - CRB3/967



T768 Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva. / Organizado por Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Antônio Jerfson Lins de Freitas. – Sobral-CE: Sertão Cult, 2022.

262p.

Série Território Científico, v.02.
ISBN: 978-85-67960-88-3 - papel
ISBN : 978-85-67960-89-0 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/67960890-2022

1. Geografia urbana. 2. Cidade Média. 3. Território e Pesquisadores. I. Holanda, Virginia Célia Cavalcante de. II. Gonçalves, Luiz Antônio Araújo. III. Freitas, Antônio Jerfson Lins de. IV. Título.

CDD 910.130776



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Prefácio

Prefácio? E o que é um prefácio? Fiz e refiz muitas vezes essa indagação. Homenagens? *Bah!* Sobreviver tem sido o lema na pandemia. Esta indagação levou a várias considerações e reafirma a nossa forma de sobreviventes no percurso. Devemos todos receber as maiores homenagens possíveis. E todos sabem o porquê.

Nos dicionários, prefácio é um dito antes (*fatio-prae*), texto que precede a obra, introdutório, curto, com o intuito de preparar o leitor para o que encontrará e com o que se deleitará. É uma escolha. Aqui ele será pelos autores, entrevistados e entrevistadores, principalmente pela afirmação do compromisso com o conhecimento vivo e diverso na compreensão da cidade no urbano e do urbano na cidade.

Ainda na significação do prefácio, diz-se que *utilizá-lo é para tentar seduzir à leitura*, o que torna uma oportunidade de ler o *Trajatórias* como continuidade de um trabalho de longa duração, expressa em agenda do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas e das atividades do *Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB)* no Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), levado adiante no ano de 2020 e realizado através de plataforma digital, gravado e transformado em forma de livro. Esta é uma experiência coletiva extraordinária.

Da feitura do *Trajatórias*, depreende-se como a precarização da atividade acadêmica revela os ufanismos no tempo pandêmico: “os professores precisam se reinventar”, “os professores precisam se adequar para ensinar por meios virtuais”. A produção coletiva, aliada à potência da imagem viva (e falada) com os minutos de fama da *Web*, redefiniu a agenda e a continuidade das trajetórias se fez em exame.

Não obstante, as condições necessárias e indispensáveis para o uso de tecnologias nas pesquisas e no ensino são sempre admiradas e com capilaridade variada nas instituições educacionais. A capacidade dos sujeitos do conhecimento diante das adversidades e a empatia perante as relações docente-discente e nas tarefas orientador-orientando conduziu todos nós a uma reprodução ampliada do conhecimento, com a criação de canais de *Web*, *lives*, jornadas, conversas, entrevistas, defesas e muita divulgação científica, como esta aqui, se multiplicando num turbilhão incoerente.

E tais encontros virtuais já se realizam há muito tempo (ao menos há 15 anos), em exames de qualificações, defesas de mestrado e doutorado e orientações. Nesse período, as experiências da Universidade Aberta do Brasil (UAB) contribuíram para a implantação de cursos de graduação à distância, sobretudo de Matemática, Pedagogia e Letras. Muitos dos recursos foram aprimorados nessa experiência de UAB. As plataformas abertas *Moodle* e *Sigaa* demonstram funcionalidades que carecem de ajustes.

Com isso, os abusos do uso de recursos tecnológicos e a fragilidade das políticas educacionais de tecnologia para ampliação de recursos humanos qualificados e para preparação de equipamentos de qualidade não abalaram os esforços da grande maioria dos colegas professores em aulas, palestras, defesas e debates. Afinal, o uso de plataformas digitais tem sido o *mister* dos docentes e pesquisadores antes e durante o ano de isolamento em 2020.

De sorte que poderia dizer: conheço essa turma. Quer dizer, conheço a maioria dos entrevistados e entrevistadores. E conheço por estar convivendo na mesma temporalidade e por fazer parte de uma geração de professores de Geografia que entendeu ser partícipe em contribuir para estruturar o ensino de pós-graduação e a pesquisa no país, atendendo ao chamado dos órgãos de fomento, sobretudo Capes e CNPq e as agências estaduais de pesquisas. As entrevistas, realizadas entre maio e novembro de 2020, chegam-nos em forma de texto e reforçam os seus conteúdos e objetivos sobre si como sujeito e sobre os objetos de pesquisa.

Alguns conheço *mais de perto*, dos tempos da graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) ou da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), ou ainda, por ocasião do mestrado ou do doutorado nas décadas de 1980-90. Com uma delas cheguei até a casar e, na *pequenina* Paraíba, criar

raízes. Sim! Como esquecer as paixões do conhecimento? Como esquecer os ânimos exaltados e os momentos tensos de debates de pesquisa, das contradições, das vontades e onde o inesperado causa uma surpresa?

Não pude deixar de notar - e anotar - que duas das entrevistadas compuseram a minha banca de doutoramento. O que posso dizer hoje é que fazemos pesquisa até ontem. Com uma delas, em especial, aprendemos a luta política e institucional da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), para “promover e estimular o estudo da geografia”, *uma* das finalidades da AGB. E bem que se diga que a grande maioria presente no *Trajétórias* foi ou está envolvida com esta cachaça chamada AGB, uma espécie de *cruzada agebeana de difusão da geografia*.

Sem pesquisa de campo não se pode falar. Assim, nos aparece uma referência ao Maoísmo da Geografia Francesa, quando se recorda a ambiência da experiência de formação. Este conteúdo exposto no *Trajétórias*, a dinâmica do debate e de seus resultados, pode ser visto tanto como um diálogo sobre a educação intuitiva e inconsciente da comunicação dos sentidos, como uma linguagem estética aprendida pelo estado de exceção pandêmico. E, sem dúvida, como uma riqueza de depoimentos para o estudo das cidades e do urbano. Estar presente no *Trajétórias* é dividir o pano, as varandas e os punhos dessas redes de estudos sobre a cidade e sobre o urbano, partícipe na construção da pesquisa colaborativa.

Certamente poderia qualificar tais trajetórias no âmbito da História da Educação e num amplo campo configurado como práticas escolares. Entrevistas de ou sobre trajetórias nos fornecem rico material de pesquisa para as práticas escolares e são sínteses dos modelos de formação de professores nas instituições às quais estão vinculados. É dessa maneira que as práticas escolares são renovadas; seja pelas trocas de experiências internas aos grupos de pesquisa, seja pela investigação dos conhecimentos. No aspecto geracional, corresponde às *trocas de figurinhas*, que são as conversas, as derivas nos cafés, nas aulas; nas indicações e sugestões de temas, nas orientações, ajustes e desencontros que se operam na intersubjetividade, entre lares (ou hotéis) e bares.

A exposição das trajetórias de pesquisa, em todos os depoimentos, sem exceção, nos mostra que a prática da Geografia tem sido a formação

de professores; de que “*a prática do geógrafo tem sido o ensino de geografia*”. E, em que pese uma ou outra interpretação em relação aos conceitos e categorias das Ciências da Educação, todos são ou estão envolvidos com currículos, programas, conteúdos, avaliações etc. Tomar contato e adentrar nas experiências de cada um através dos relatos da institucionalidade da pesquisa e da formação profissional, dos entraves da instituição e do ensino é ver e olhar o entusiasmo, o contexto e a atuação em seus respectivos anos de formação. E, como síntese, os resultados: capacidade de auto-organização e condições de trabalho.

Isto posto, os percursos revelados pelos colegas entrevistados se encaixam, como disse, na História da Educação e nas práticas escolares. As dimensões práticas da convivência das pesquisas dos grupos e das pesquisas individuais nos cursos de graduação e pós comportam formas variadas de convivência, pois carregam as contradições das instituições. Portanto, fixá-la na dimensão da história e da educação nos permite sustentar que as pesquisas levadas a cabo pelos grupos aqui expostos é o estudo da cidade e do urbano como um tema subjacente ao trabalho docente com a dupla finalidade: deleitar e ensinar, tão afeitas à poesia homérica.

A despeito disso, revelam a compreensão diversificada das temáticas e a relevância do assunto, seja por amor lefebvriano (ou legoffiano) às cidades, seja por viver suas plenitudes. Agradável constatar, de soslaio, nas trajetórias, a hipótese de que o trabalho coletivo induz suplantando os provincianismos diante da monumentalidade cidadina. Os relatos são repletos da própria história do crescimento e expansão do trabalho da ReCiMe e dos grupos de pesquisa que o transitam, o que certamente se poderia escrever um quase-tratado.

Neste caso aqui, o recorte com tesoura e tesouradas da leitura se deu através das experiências individuais e educativas que nos contam sobre suas preferências, aportes teóricos e posturas profissionais e, sobejamente, sobre parte expressiva da Geografia Urbana brasileira nos últimos 40 anos.

Por fim, não é exagero dizer que provocar o leitor com leituras críticas do *Trajétórias* é um tanto fora de propósito. Em cada uma das trajetórias, um ou mais métodos de pesquisa, uma ou mais abordagens teóricas da ciência e da educação são expostos e refeitos. Por óbvio, muitas das ques-

tões colocadas são autoexplicativas para a análise do Brasil urbano. E, como tais, são lideranças acadêmicas exercidas por mulheres (ao menos na ReCiMe) que são as mais capacitadas e aquinhoadas com as qualidades para exercer e porque os demais as qualificam para que a Geografia Urbana produzida seja um *vir-a-ser*.

Prof. Dr. Carlos Augusto Amorim Cardoso

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume *Diálogos sobre a Ditadura*, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série *Território Científico* chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais ligados ao Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe). Eis a obra *“Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”*.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles

que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Marco Antônio Machado

Coordenadores da Série Território Científico

Apresentação

O livro *“Trajetórias de Pesquisadores e os Estudos das Cidades Médias em Perspectiva”* é resultado das atividades do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas. O Grupo se formou no contexto da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, quando colegas que já desenvolviam estudos ou orientavam temas nessas escalas de cidades, participantes do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB), do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), decidiram manter o vínculo com alunos e professores de diferentes instituições de forma interativa, utilizando o *Google meet* para viabilizar o diálogo.

Nesse momento sendo também fundamental que se mantivessem ativas as conversas iniciadas no Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe), em dezembro de 2019, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que seriam alinhadas em um evento em Sobral, programado para a última semana de maio de 2020, que contaria com a presença pesquisadores da ReCiMe em mesas redondas, conferências, trabalho de campo e reuniões de trabalho com o grupo do LEURB.

Da conjugação dessas necessidades, planejamos apresentar aos nossos alunos o pensamento de pesquisadores amplamente reconhecidos pelos estudos das cidades médias brasileiras, a aproximação indo das leituras de suas publicações, aos diálogos profícuos amparados nas trajetórias destes pesquisadores. Nesse sentido, somos gratos aos professores convidados que, embora envolvidos em muitas atividades, atenderam ao nosso convite e aceitaram participar das conversas em forma de entrevistas e a organização destas para publicação em e-book, numa linguagem coloquial pela espontaneidade das falas, permitindo que outros interessados tenham

acesso aos depoimentos tão inspiradores e carregados muitas vezes de uma mistura de razão e emoção.

Nessa toada, buscamos a valorosa adesão da ReCiMe, em conversas com o professor William Ribeiro da Silva e com a professora Doralice Sátyro Maia que, além do acolhimento à nossa ideia, participaram como entrevistados. Os demais colaboradores entrevistados foram: Maria Encarnação Beltrão Sposito, Rita de Cássia da Conceição Gomes, Zenilde Baima Amora, Antônio Cardoso Façanha, Wagner Vinicius Amorim, Beatriz Ribeiro Soares, Maria José Martinelli Silva Calixto e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. Tivemos também a alegria de contar com o querido Professor Carlos Augusto Amorim Cardoso que nos honrou com o prefácio dessa obra.

A atividade contou com o apoio da *Editora SertãoCult*, que incentivou as gravações das entrevistas dentro do projeto *Território Científico*, que ofereceu suporte a outras publicações no mesmo formato, no âmbito das Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) no ano de 2020, com publicações no formato e-book e possibilidade de acesso impresso atendida por demanda.

Por fim, consideramos que a experiência em mobilizar tantos pesquisadores que estudam diferentes cidades médias no território brasileiro foi exitosa. Mas também por conseguimos ampliar os horizontes dos nossos estudantes e contribuímos com a formação universitária e fortalecimento do conhecimento acadêmico num ano tão atípico. Por isso estamos felizes e gratos!

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Organizadores

Sumário

Doi: 10.35260/67960890p.16-57.2022

Dialogando, pensando e aprendendo com a trajetória de uma pesquisadora.....16

Prof.^a Maria Encarnação Beltrão Sposito
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.58-74.2022

Os desafios da formação e atuação de uma pesquisadora.....58

Prof.^a Rita de Cássia da Conceição Gomes
Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Doi: 10.35260/67960890p.76-99.2022

Experiências acadêmicas e de pesquisa sobre as cidades médias cearenses.....76

Prof.^a Zenilde Baima Amora
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.100-113.2022

Levantando problemáticas de pesquisa: um convite para pensar a cidade e o urbano no Nordeste brasileiro.....100

Prof. Antônio Cardoso Façanha
Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.114-130.2022

Os caminhos da formação e da pesquisa, tecendo uma trajetória.....114

Prof. Wagner Vinicius Amorim
Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.132-146.2022

Dividindo as múltiplas experiências de pesquisa e planejamento em cidades mineiras.....132

Prof.^a Beatriz Ribeiro Soares
Prof. Antônio Cardoso Façanha

Doi: 10.35260/67960890p.148-179.2022

**Desafios, práticas e saberes sobre as cidades médias:
um olhar a partir de Mato Grosso do Sul.....148**

Prof.^a Maria José Martinelli Silva Calixto

Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.180-199.2022

**Sobre escolhas e construção de caminhos, aprendendo com uma
narrativa singular.....180**

Prof.^a Doralice Sátyro Maia

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.200-229.2022

**Aprendendo sobre as cidades médias e pequenas da Amazônia
brasileira.....200**

Prof. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.230-255.2022

Um panorama dos estudos das cidades médias em debate.....230

Prof. William Ribeiro da Silva

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Índice remissivo.....257

Doi: 10.35260/67960890p.132-146.2022



Beatriz Ribeiro Soares Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (1974), com mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1988) e doutorado em Geografia (Geografia Humana), também pela Universidade de São Paulo (1995). É professora titular da Universidade Federal de Uberlândia, onde é docente permanente nos cursos de pós graduação em Geografia e Arquitetura e Urbanismo. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana e Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Urbana; Planejamento Urbano e Regional; Produção do Espaço Urbano Espaços Urbanos Não Metropolitanos.

Dividindo as múltiplas experiências de pesquisa e planejamento em cidades mineiras¹

Prof.^a Beatriz Ribeiro Soares²
Prof. Antônio Cardoso Façanha

Prof. Antônio Cardoso Façanha (UFPI): Primeiramente, agradeço aos colegas pelo convite de coordenar a entrevista de hoje com a professora Beatriz Ribeiro Soares, agradeço também pela disponibilidade e vontade de socializar sua experiência profissional nesse grupo bem diversificado. Passo a palavra para o professor Luiz Antônio iniciar as questões.

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves (UVA): Professora Beatriz, gostaria que você falasse um pouco sobre sua trajetória acadêmica, dentro da Geografia, ou seja, como foi sua construção profissional?

Prof.^a Beatriz Ribeiro Soares (UFU): Boa tarde a todos! Muito obrigado pelo convite! É um prazer estar aqui com vocês. Sempre tive vontade de conhecer Sobral, ainda não deu certo, mas conheço pela literatura e trabalhos que a professora Virgínia e professor Falcão desenvolvem. Bom, sobre minha trajetória acadêmica, eu já estou professora há mais de 40 anos. Eu comecei a fazer Geografia em 1971, na primeira turma de Geografia da Universidade de Uberlândia, que tinha um grupo de alunos muito diverso, bem como os professores, que eram todos de fora da cidade e traziam muitas

1 Entrevista realizada via *Google meet* em 04 de agosto de 2020.

2 Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

experiências novas que aumentavam a minha vontade de viajar, conhecer o Brasil e o mundo.

A graduação toda foi pautada em uma linha teórica da Geografia francesa, muito clássica. Quando me tornei docente no Ensino Superior, fui fazer mestrado em São Paulo em 1982, na Universidade de São Paulo (USP), tempo em que a Geografia Crítica era discutida, pesquisada, pensada na sala de aula, nos corredores do Departamento de Geografia da USP e nas conversas cotidianas. Essa orientação metodológica mudou muito a minha maneira de ver e pensar a Geografia. Lembro que levei um projeto de pesquisa de mestrado sobre o processo de migração em Uberlândia, com enfoque na migração rural/urbana, a chegada de trabalhadores para a indústria estrangeira, bem como pelas mudanças que ocorriam na cidade e na região do Triângulo Mineiro e acabei fazendo uma pesquisa sobre a habitação popular e produção do espaço, tendo em vista as discussões sobre a Geografia Crítica. Foi um momento de grande descoberta. O mestrado foi um “divisor de águas” em minha vida, conheci muitas pessoas, autores e, para mim, que vinha do interior, era muito difícil ter acesso às pessoas e às publicações.

Depois voltei para fazer o doutorado, também na área da Geografia Urbana, com a professora Amália Inês Lemos, minha orientadora no mestrado e doutorado. No doutorado, trabalhei Uberlândia no contexto regional, pensando o papel que as elites tinham na construção dessas cidades e foi um desafio muito grande naquele período. A Professora Amália me indicou e incentivou esse caminho de trabalhar as cidades médias e esses espaços não-metropolitanos. Quanto aos estudos de pequenas cidades, fui trabalhar junto a orientandos após a criação do Programa de Pós Graduação do IG-UFU.

Tenho uma carreira muito longa na Geografia e na Universidade Federal de Uberlândia, pois ingressei como aluna na primeira turma, me tornei professora no final dos anos 1970 e, em 2021, estamos na 65ª turma e eu ainda estou na ativa. Durante este tempo, pude participar da construção dos cursos de bacharelado, mestrado e doutorado. Com a expansão da Universidade pelo Reuni, o Instituto de Geografia e os docentes da Geografia estiveram presentes para a implementação dos cursos de Geologia, Saúde Coletiva e de Engenharia de Agrimensura e Cartográfica. Então é um tempo grande de experiências e principalmente na docência, na pesquisa e na orientação. Sempre estive ligada ao tripé ensino, pesquisa e extensão

da universidade, para tanto, fui tutora do Programa de Educação Tutorial (PET) durante 20 anos, desde quando ainda era o Programa Especial de Treinamento da Capes, que tinha por objetivo formar as novas gerações de pesquisadores e docentes para a educação brasileira.

As pesquisas desenvolvidas por mim ou sob minha orientação estão preferencialmente pautadas na investigação dos espaços não metropolitanos, em um primeiro momento, na perspectiva da cidade e, posteriormente, da rede urbana e das interações espaciais entre o campo e a cidade.

No caso do cerrado, a formação de cidades como Uberlândia, que hoje tem mais ou menos 700 mil habitantes, tem uma centralidade muito forte na rede urbana para a região e seu entorno. Então temos aí uma rede de cidades muito extensa, com núcleos urbanos que estão muito distantes uns dos outros. No passado, tínhamos muitos latifúndios, que continham as atividades produtivas e de consumo em seu próprio interior e não possibilitavam a criação de cidades. Os municípios tinham e ainda têm uma extensão territorial grande, o que ainda permanece em Uberlândia, em decorrência das transformações ocorridas no campo pós década de 1970. E, com a construção de Brasília, se transformou em um município que drenava as rendas do seu entorno, concentrando bens e serviços necessários à sua região circundante e, sendo assim, fortaleceu sua centralidade.

Diante de minha trajetória na pesquisa da Geografia Urbana, ressaltaria que trabalhei muito com orientação em nível de pós-graduação. Nunca deixei de atuar na graduação, na Iniciação Científica e, ao menos 20 anos atrás, participei da criação do Grupo de Estudos sobre Cidades Médias junto às professoras Maria Encarnação, Doralice Maia, Denise Elias e vários outros professores. Criamos uma rede de pesquisadores que se dedica ao estudo das cidades médias - ReCiMe, uma experiência muito rica e hoje ainda discutimos o tema, mesmo sabendo que essas cidades têm suas singularidades, particularidades e são diversas de acordo com sua formação socioespacial; inserção na rede urbana brasileira e suas interações regionais. É preciso destacar que há ainda um Brasil profundo que precisa ser descoberto, pesquisado, principalmente agora neste momento de pandemia.

Posteriormente, comecei a pensar junto com a professora Rita de Cássia (UFRN) e outros professores qual era o papel das pequenas cidades, suas relações e interações com as cidades maiores e com o campo. Outra

experiência de nove anos que tive foi um projeto em Portugal. Nele estudamos as cidades saudáveis, escrevemos livros, artigos, orientamos teses.

Também trabalhei e trabalho como professora em outros cursos de pós-graduação da UFU, tais como Engenharia Civil, Arquitetura e atuei em outros estados para ministrar disciplinas na pós-graduação em Geografia, no Paraná e Goiás. Então, ao longo desses 40 anos, minha trajetória foi muito positiva, de muitos aprendizados e muitos desafios, por isso, valeu a pena ter trilhado por vários caminhos para compreender o urbano contemporâneo.

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda (UVA): Gostaria de ouvir um pouco sobre sua principal pesquisa.

Prof.^a Beatriz: Atualmente, não tenho uma pesquisa individual em desenvolvimento, tendo em vista a caótica situação da pesquisa no país, mas em muitos momentos da minha vida, elas foram muito importantes. Por exemplo, no meu mestrado e doutorado era um tempo que não tínhamos Internet, ficávamos oito horas por dia em um arquivo público municipal levantando dados, lendo jornais, notas de vereadores, ata da Câmara Municipal, não se tinha nada escrito sobre a cidade, o município. A região do Triângulo Mineiro tinha apenas algumas publicações de memorialistas. Para termos uma ideia, no meu mestrado, minha mãe era a minha estagiária, porque era formada em História e levantou informações e dados da pesquisa para mim nos arquivos públicos e nos jornais, pois eu trabalhava oito horas por dia.

A dissertação e o doutorado se tornaram estudos importantes para a região e acabaram sendo referência. Ainda hoje, recebo ligações de pessoas perguntando sobre estas pesquisas e elas foram feitas há quase 30 anos e auxiliaram novas gerações, entidades no entendimento da formação socioespacial de Uberlândia e Triângulo Mineiro, bem como no significado das elites e dos trabalhadores para a produção do espaço para Uberlândia e para a região.

Não posso deixar de destacar a minha experiência na ReCiMe, que é muita rica, um desafio, pois havia muita resistência aos nossos estudos e publicações e, sendo assim, tivemos que enfrentar debates com estudiosos de várias áreas do conhecimento. Mas, mesmo assim, tínhamos e temos projetos desenvolvidos e em desenvolvimento, realizamos encontros

científicos, fizemos excelentes parcerias na América do Sul, publicação de artigos, diversas dissertações e teses defendidas e premiadas etc. É uma parceria nacional, com outra dimensão.

Desenvolvi também vários projetos na Fapemig, CNPq, financiados pelas prefeituras municipais que foram muito importantes para o conhecimento e registro da região do Sul de Goiás e Triângulo Mineiro. Menciono também as pesquisas internacionais, que são outros desafios, as diferenciações entre Portugal e Brasil. Tem também as pesquisas de nossos alunos que damos um pouco de nossa contribuição, pois hoje, mais do que nunca, devemos ser protagonistas dessa realidade que se apresenta.

Outra pesquisa que não posso deixar de citar são os estudos com Planos Diretores em pequenas cidades na região do Triângulo Mineiro e no Sul de Goiás. Essa pesquisa durou seis anos e as cidades onde elas foram realizadas tinham em torno de seis a oito mil habitantes. Foi uma experiência enriquecedora e desafiadora.

Ao mesmo tempo, sempre tive uma preocupação em pensar metodologias capazes de auxiliar os nossos alunos que vão trabalhar. Tudo é e foi muito importante, então não posso dizer qual foi a pesquisa mais importante.

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes (UVA): Vou fazer duas questões. A primeira sobre a importância da temática das cidades médias para a Geografia Urbana e áreas afins. A segunda questão é sobre a metodologia que você propõe para o estudo dessas cidades.

Prof.^a Beatriz: Vou começar pelo final. Sobre a questão da metodologia própria, eu acho que nós da Geografia demoramos um pouco para trabalhar com metodologia. Eu tenho uma experiência na Engenharia Urbana e na Arquitetura, eles têm o caminho metodológico sempre à frente do objeto de estudo. Então, aprendi com eles. Lógico que nossa visão é um pouco diferente, mas, para desenvolver qualquer pesquisa, temos que ter uma metodologia, por mais que tenham críticas, muitas vezes, que é um receituário, que vai deixar o pesquisador preso. Mas penso que a metodologia tem que ser tratada em algum momento. Não estou discutindo a questão do referencial teórico metodológico, mas temos que saber onde queremos chegar. Nos últimos tempos, a Geografia avançou muito ao trabalhar com as metodologias quali-

tativas e quantitativas. Para as pesquisas da ReCiMe, fizemos uma proposta metodológica conjunta sobre agentes econômicos e de desigualdade social que foi, e ainda é, aplicada nas cidades médias estudadas.

A cidade média é muito atrativa para ser estudada, seja a partir de problemas como qualidade de vida, economia, condições sociais, desenvolvimento, infraestrutura etc. No Brasil, os dados do IBGE, dos censos, dos estudos do REGIC apontam o momento que o crescimento populacional e econômico das cidades é superior. Quando as cidades médias, neste momento, são pensadas como desenvolvimento das regiões, no caso da Geografia temos um indicador que aponta o processo de interiorização do Ensino Superior.

As cidades médias passam a ter uma importância nesses estudos. Devemos estudar e desvendar a realidade dessas cidades em diferentes escalas e não podemos aplicar um estudo sobre Fortaleza em Sobral, há especificidades para a compreensão desses aglomerados urbanos. Começamos a pensar sobre a temática das cidades médias em um SIMPURB em Salvador há mais de 20 anos e para construir o que temos hoje foram muitos debates e encontros. Naquele período, tínhamos pesquisadores que já trabalhavam com a temática e, a partir disso, buscamos entender as dinâmicas das cidades médias, como foram construídas e chegamos à conclusão que só podem ser compreendidas no contexto da região, de seu ordenamento intraurbano.

Uma cidade média no interior do Ceará é diferente de uma cidade média no interior de Minas Gerais. Como estudá-las? Qual seu papel intra e interurbano? Temos os estudos macros do IBGE, como o REGIC. Mas uma coisa são esses estudos, outra coisa é o que produzimos, estuda-

Além de pensar essas cidades em sua formação histórica, nos diferentes estados, é necessário estudar principalmente os fatores que estão em mais evidência, que é a expansão e interiorização do Ensino Superior, as transformações regionais, o agronegócio, os problemas socioambientais etc.

mos para compreendermos os serviços, infraestrutura, qualidade de vida, o cotidiano das pessoas etc. Além de pensar essas cidades em sua formação histórica, nos diferentes estados, é necessário estudar principalmente os fatores que estão em mais evidência, que é a expansão e interiorização do

Ensino Superior, as transformações regionais, o agronegócio, os problemas socioambientais etc.

Prof.^a Glauciana Alves Teles (UVA): Professora Beatriz, é uma honra ter você aqui como convidada! Gostaria de perguntar sobre o que você aconselharia para um pesquisador iniciante nesse campo de trabalho sobre as cidades médias, do urbano no Brasil.

Prof.^a Beatriz: Estudar essa urbanização da sociedade tem um grande leque de oportunidades. No caso brasileiro, temos por volta de 85% da população vivendo nesses aglomerados urbanos, então é uma obrigação nossa tentar entender esse processo. O que eu acho mais importante para um pesquisador iniciante, com muita sinceridade, é que ele tenha paixão pelo seu objeto de estudo. Eu sou de uma geração em que éramos obrigados a estudar sobre determinada temática, porque havia uma deficiência em qualificação em determinadas áreas do conhecimento nos cursos superiores do interior do país.

Penso que primeiro você deve buscar uma temática que apresenta desafios, que seja um tema acessível à realidade estudada, com objetivos claros, metodologia adequada e que o pesquisador tenha razão e paixão para desenvolvê-la.

O desenvolvimento de uma pesquisa necessita de dedicação, disciplina, compromisso com princípios éticos, curiosidade e criatividade. Nas Ciências Humanas, temos um leque muito amplo de temáticas a estudar, mas escolher o que vamos estudar requer uma série de cuidados, tais como: devemos ter organização, metas, ter bem definido o problema, o que queremos pesquisar, ter uma boa fundamentação teórica e outra coisa muito importante é que devemos ser sempre curiosos e criativos. Atualmente são tantas informações que chegam a todo momento que não sabemos nem o que escolher, portanto, devemos ter clareza para o recorte espacial e temporal escolhido, bem como a escala da pesquisa.

Penso que primeiro você deve buscar uma temática que apresenta desafios, que seja um tema acessível à realidade estudada, com objetivos claros, metodologia adequada e que o pesquisador tenha razão e paixão para desenvolvê-la.

Devemos pensar o objeto que vamos trabalhar e ter em mente que ele muda ao longo do tempo, em todas as pesquisas e temas. Os procedimentos metodológicos também são importantíssimos, pois temos muitas opções para utilizar, como fotografias, vídeos, narrativas, mapeamentos, entrevistas, dados secundários. Claro que em uma pesquisa não podemos utilizar todos estes recursos, há momentos que a pesquisa qualitativa vai ser mais importante e outros que a pesquisa quantitativa vai ser importante, isso vai depender de nossa pesquisa. Para o pesquisador iniciante, o essencial é saber o caminho que vai trilhar. Tem um livro chamado *A arte da tese*³ que fala que a primeira coisa que devemos fazer para começar uma pesquisa é escolher o orientador, anotar as ideias, fazer muita leitura, buscar informações e dados; compreender um determinado objeto e ser criativo, que é essencial em uma pesquisa.

Pesquisar é descobrir o mundo; é construir conhecimento, é conhecer as desigualdades e vulnerabilidades existentes no planeta Terra. Na sociedade contemporânea, as marcas da ciência estão presentes em todos os aspectos da vida cotidiana. A pandemia do Covid-19 está mostrando a fragilidade da sociedade frente

Pesquisar é descobrir o mundo; é construir conhecimento, é conhecer as desigualdades e vulnerabilidades existentes no planeta Terra. Na sociedade contemporânea, as marcas da ciência estão presentes em todos os aspectos da vida cotidiana. A pandemia do Covid-19 está mostrando a fragilidade da sociedade frente a uma crise sanitária e, ao mesmo tempo, mostrando a importância da ciência frente aos progressos conquistados pelos pesquisadores em todo mundo e em tão pouco tempo.

a uma crise sanitária e, ao mesmo tempo, mostrando a importância da ciência frente aos progressos conquistados pelos pesquisadores em todo mundo e em tão pouco tempo.

Prof. Luiz Antônio: Ao seu ver, quais as dificuldades para a produção do conhecimento científico diante de tantos elementos que são colocados pela tecnologia que, aparentemente, é mais fácil que no passado?

3 BEAUD, Michel. *Arte da tese*: Como preparar e redigir uma tese de mestrado ou doutorado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário. Tradução de Glória de Carvalho Lins. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Prof.^a Beatriz: Dificuldades vamos sempre encontrar. Antes era muito difícil, não tínhamos tantas informações e dados disponíveis para se desenvolver uma pesquisa. Com o desenvolvimento tecnológico pautado na rede de computadores, na Internet, a situação mudou rapidamente para pessoas, governos, cientistas, por exemplo. O desenvolvimento de vacinas para o enfrentamento da Covid-19, por exemplo, em 10 meses, temos várias (vacinas) desenvolvidas em diversas partes do mundo, com mecanismos diferentes e que estão sendo aplicadas na população mundial. Então as dificuldades vão existir pelo excesso ou falta de informações, mas eu penso que essa profusão de informações dará lugar a resultados muito importantes. Nesse momento da Pandemia da Covid-19, vimos o quanto o mundo espera pelo aval de um artigo científico sobre a doença e as vacinas; a busca por fontes confiáveis; a valorização da ciência.

Esse grande número de informações que temos requer de todos disciplina, criatividade, compromisso, ética. Em uma pesquisa, sempre haverá alguém tentando encontrar respostas para os questionamentos da sociedade, para as mudanças da natureza.

Muito se discute sobre a originalidade do tema pesquisado e sempre haverá um novo olhar sobre a problemática pesquisada. Por exemplo, no momento atual e pelo interior do Brasil podemos fazer muitos estudos e ainda necessitamos, além das tecnologias, ir a campo, coletar dados e informações em prefeituras municipais, entrevistar gestores, fotografar, mapear, monitorar experimentos, conversar com as pessoas, enfim, não podemos esquecer nunca que existem problemas para o desenvolvimento de uma pesquisa. Mas sempre haverá satisfação em fazer ciência, este é um desafio muito grande para a produção do conhecimento na área da Geografia. As dificuldades vão sempre existir, mas devemos enfrentar e resistir, esse é nosso papel.

Antônio Jerfson Lins de Freitas (*Editora SertãoCult*):

Hoje vivemos em um momento em que a Ciência está sendo muito desacreditada, está perdendo espaço para o achismo e as opiniões são colocadas à

Mas sempre haverá satisfação em fazer ciência, este é um desafio muito grande para a produção do conhecimento na área da Geografia. As dificuldades vão sempre existir, mas devemos enfrentar e resistir, esse é nosso papel.

frente da Ciência. Como você vê isso e como a Ciência Geográfica pode retomar esses espaços?

Prof.^a Beatriz: Nesse momento, estamos sendo colocados realmente em cheque. O quanto foi falado nas mídias, publicações e depois de cinco meses é que se deram conta de que não podemos voltar para a sala de aula. Agora os professores e profissionais da Educação vão ficar na linha de frente, assim como já ocorreu com os da área da saúde. Penso que, em uma sociedade como a nossa, em que a educação foi deixada de lado por anos e há uma desvalorização crescente da Ciência e da atuação profissional em alguns setores, foi preciso acontecer uma crise sanitária, com mais de 220 mil mortes e com 10 milhões de infectados ocorridos no país em 10 meses, para voltarmos a reconhecer a necessidade de se estudar, de desenvolver conhecimento científico, fato que ocorre em todo o mundo com maior ou menor intensidade. As pessoas não acreditam nas palavras dos cientistas, das pesquisas, mas acreditam em uma pesquisa que nem fonte tem e é repassada pelas redes sociais, e isso é fruto dessa visão tosca que estamos vivendo no Brasil, de negacionismo e falta de planejamento, que desvaloriza muito a Ciência.

Com relação à Geografia, penso que ela começou com uma geração que conseguiu valorizá-la pela Geopolítica, para conquistas de territórios, mas, ao longo do tempo, foi sendo muito desvalorizada nos centros de pesquisa, na sala de aula etc. Há alguns anos este processo começou a mudar, quando o paradigma da economia foi sendo substituído pela questão ambiental, então temos muito a contribuir com o futuro da Ciência e do país, pois estudamos a natureza e a sociedade com um olhar sobre pla-

As pessoas não acreditam nas palavras dos cientistas, das pesquisas, mas acreditam em uma pesquisa que nem fonte tem e é repassada pelas redes sociais, e isso é fruto dessa visão tosca que estamos vivendo no Brasil, de negacionismo e falta de planejamento, que desvaloriza muito a Ciência.

nejamento e gestão. Ensina-
mos nas escolas, em todos os níveis, uma nova forma de compreender o mundo e não podemos parar por aí, devemos contribuir com estes estudos na participação e elaboração de planos diretores e setoriais, na administração pública e privada, nas escolas e em tantas ou-

tras atividades profissionais e acadêmicas. Então hoje a Geografia é muito mais procurada pelos alunos justamente por ter esse olhar para o futuro.

Prof.^a Rita de Cássia da Conceição Gomes (UFRN): Boa tarde a todos! Tenho uma questão sobre as pequenas cidades. Estas que sempre foram negligenciadas e a pandemia revelou uma série de problemas, um deles é a da concentração de serviços e isso sobrecarregou o sistema de saúde das grandes cidades, exatamente porque nas pequenas cidades não têm assistência necessária. Você acredita que é possível que possamos trabalhar novas perspectivas, principalmente em relação às gestões, no sentido de fazer uma desconcentração desses serviços?

Prof.^a Beatriz: No tempo que estávamos escrevendo muito sobre as pequenas cidades, participando de eventos, foi um momento muito bom. Estávamos avançando nas questões dessas cidades com projetos em linhas de pesquisas diferentes, mas depois, por vários motivos, fomos deixando de lado o estudo sobre as pequenas cidades, e principalmente neste momento de pandemia, é essencial retomarmos esses estudos.

Estudos recentes e divulgados pela mídia, mas ainda sem muitas publicações, mostram que há uma tendência do movimento do teletrabalho, *home-office*, e tudo isso, que era aguardado para o futuro, foi antecipado e devemos aprender com essa realidade. Pouco importa se a pessoa mora em um grande centro urbano, uma pequena cidade ou zona rural, o que importa é que essas pessoas tenham acesso às tecnologias da informação. Nas grandes cidades, o custo de vida é muito alto, as dinâmicas de sociabilidade são outras. Em função disso, as pequenas cidades, claro, dependendo de sua localização, devem receber pessoas que voltam das grandes cidades para seus locais de origem.

Já no final do século XX, era perceptível esse fenômeno e agora ele será ainda mais intenso, pois a maioria das pequenas cidades brasileiras tem acesso a internet, meios de comunicação, auxiliando-as na inserção nessa nova realidade e nos diversos setores. Acredito que não irá acontecer em todas da mesma maneira, cada uma a seu tempo e será um grande aprendizado para todos nos próximos anos.

Breno de Abreu Lopes (MAG/UVA): Como você vem estudando a Expansão do Ensino Superior e sua relação com a cidade média no espaço regional?

Prof.^a Beatriz: Bom, nos estudos das cidades médias, dentro da Re-CiMe, um dos aspectos mais considerados é a questão das alterações na configuração espacial das cidades brasileiras, tendo em vista a interiorização do Ensino Superior, via implantação de Universidades Federais, cursos de EAD e Institutos Federais. Este processo está modificando as cidades, pois recebe pessoas, bens e serviços, à medida que vai se expandindo, sobretudo nos governos Lula e Dilma, onde a oferta de cursos superiores se ampliou por todo o Brasil.

Tem um caso que eu fui auditora em uma cidade chamada Rio Verde, em Goiás, e o sonho do prefeito era que tivesse uma indústria para a geração de empregos e renda. Em anos recentes, as administrações municipais almejam a implantação de cursos superiores, que não poluem, fixam os jovens na própria cidade, geram renda, atraem novos investimentos. A expansão do Ensino Superior nas esferas públicas e privadas mudaram a dinâmica local, na geração de empregos, infraestrutura, retenção da população, enfim, muitas mudanças estão ainda acontecendo e ocorrem na escala local e regional, tanto nas cidades médias quanto nas cidades pequenas com um impacto grande, em suma, são muitos ganhos a médio e longo prazo!

Prof.^a Edvânia Gomes de Assis Silva (UFDFPar): Professora Beatriz, é uma honra conhecer você, mesmo que seja virtualmente! Na Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDFPar), hoje temos mais de quatro mil alunos, vários de outros estados, e o novo crescimento da cidade foi com a implementação do curso de Medicina. Como você vê o crescimento das cidades vinculado ao Ensino Superior?

Prof.^a Beatriz: Desde muito tempo, eu lembro que meus pais falavam que a educação era a coisa mais importante para deixar para os filhos. Numa cidade média, onde muitas pessoas não tinham um curso superior, com a chegada da Universidade surgiu uma série de mudanças e o mais importante é que isso fica para sempre, seja qual cidade for, então, tanto nas cidades médias como pequenas essas instituições têm um papel muito importante na escala local e regional, os méritos são esses, não há prejuízos, apenas ganhos.

Maria do Carmo Alves (Geógrafa): Boa tarde! É uma satisfação falar com você, professora Beatriz! Quais situações desafiantes em relação aos estudos do planejamento das cidades você encontrou?

Prof.^a Beatriz: Bom, quando fazemos uma pesquisa vamos encontrar desafios, mudanças, retrocessos o tempo todo, mudanças de gestão e isso vai trazer as continuidades e descontinuidades, principalmente em pesquisas de planejamento urbano, que é muito dinâmico, então imagino que neste momento deve-se saber em que ocasiões ocorreram essas descontinuidades e como a cidade segue, daí temos que trabalhar os recortes temporal e espacial, a metodologia pode ser até diferente, pode ser uma pesquisa qualitativa e quantitativa e devemos ter bastante cuidado e isso é um desafio, mas é importante entender esses processos. No caso de Sobral, a chegada da Indústria de Cimento, a Fábrica Grendene, criação da UVA, das relações da elite política local, tudo isso deve ser analisado, monitorado. É muito gratificante trabalhar e pensar o futuro das cidades, dos municípios com a participação da sociedade, da administração pública e da universidade, penso que esta deve ser uma importante contribuição dos Geógrafos.

Prof. Luiz Antônio: Vendo esse período recente, de certa forma há uma retomada de poder pelos estados e municípios, delegando, orientando o controle da pandemia. Nesse sentido, as gestões públicas municipais teriam aí outro papel no período pós pandemia? Poderia apontar uma tendência de municipalismo, uma nova força? Como você vê essa realidade?

Prof.^a Beatriz: A nossa Constituição é municipalista, mas na questão da distribuição de recursos há diferenças entre municípios, pois alguns, mesmo com tamanho populacional semelhante, têm peso maior sobre outros. Então, concordo com você que a pandemia colocou em evidência a atuação dos prefeitos. Vou dar o exemplo do enfrentamento da Pandemia. Em fevereiro de 2021, Uberlândia, que tem 826 mortes e 57 mil infectados, e outra cidade próxima chamada Uberaba, tem apenas 276 mortes e 12.400 infectados (o município tem a metade da população de Uberlândia, mas é uma regional de saúde como Uberlândia). Então se pergunta: por que tantas diferenças se o papel delas na região é quase o mesmo?

Minas Gerais chegou tarde nesta discussão da pandemia, pois, inicialmente para o nosso governador, nem pandemia parecia existir. O debate entre o Governo Federal e estados e municípios, o debate entre governadores e prefeitos deixa em evidência a figura dos prefeitos, e isso ocorre em todos os estados. Então a importância do municipalismo vai se ampliar, por diver-

sas questões. Creio que poderemos sair ganhando com o enfrentamento da crise sanitária, inclusive, pela distribuição das verbas em áreas da saúde, segurança, educação. É sonhar um pouco, mas acredito que devemos acreditar no poder do municipalismo, creio que nada ficará como antes.

Prof. Façanha: Agradeço mais uma vez à professora Beatriz pela disponibilidade de socializar sua trajetória acadêmica, os conselhos para pesquisa, foi um ótimo momento para os graduandos e todos nós! Obrigado!

Prof.^a Beatriz: Quero agradecer muito o convite, a oportunidade de estar aqui. Esses encontros virtuais estão possibilitando novas experiências, como conhecer pessoas, aprender e ensinar. São novas possibilidades, que não imaginávamos viver de uma forma tão intensa. Muito Obrigada!

Creio que poderemos sair ganhando com o enfrentamento da crise sanitária, inclusive, pela distribuição das verbas em áreas da saúde, segurança, educação. É sonhar um pouco, mas acredito que devemos acreditar no poder do municipalismo, creio que nada ficará como antes.



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 262 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:

Abril de 2022.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da Ser-tãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série Território Científico chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais na sua maioria da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) que participaram do Grupo de Estudos - Abordagens teóricas e metodológicas nos estudos das cidades médias e pequenas, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - GEPPUR e o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais - LEURB/UVA no ano de 2020. Eis a obra “Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.



ISBN 978-856796088-3



9

788567

960883